

Os conceitos de Público e Privado nas Redes Sociais e suas implicações Pedagógicas

AMANDA MACIEL DE QUADROS*

KARINA MARCON**

Resumo: O presente artigo traz uma reflexão entre o paradoxo da privacidade e publicização dos sujeitos nas redes sociais, principalmente em função de um borramento ou de confusões que ocorrem entre os conceitos de público e privado nesses ambientes. Realizou-se um estudo de caso na rede social Facebook para analisar alguns tópicos dos Termos de Uso e da Política de Privacidade, com os quais os usuários entram em acordo, muitas vezes sem conhecer, quando ingressam nesta rede. Embasados na teoria da Modernidade Líquida de Zygmunt Bauman realizou-se uma discussão que nos levasse à repensar sobre os conceitos de público, privado e privacidade e suas implicações pedagógicas, principalmente quando nos deparamos com uma sociedade líquida e midiaticizada, na qual a espetacularização do sujeito é estimulada constantemente.

Palavras-chave: Facebook; Privacidade; Modernidade Líquida.

Abstract: This article presents a discussion between paradox of privacy and publicity of the subject in social networks, mainly due to blurring or confusion occurring between the concepts of public and private in these environments. We conducted a case study on social network Facebook to review some topics of the Terms of Use and Privacy Policy, with which users enter into an agreement, often without knowing, when they join this network. Grounded in the theory of Zygmunt Bauman's Liquid Modernity held a discussion that would lead us to rethink the concepts of public, private and privacy and its pedagogical implications, especially when faced with a net and mediatic society, in which the spectacle of the subject is stimulated constantly.

Key Words: Facebook; Privacy; Liquid Modernity.



* **AMANDA MACIEL DE QUADROS** é Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialista em Tecnologias da Informação e Comunicação aplicadas na Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Pedagoga Multimeios e Informática Educativa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Atua na Educação a Distância, Informática Educativa, Inclusão Digital e Inovação Pedagógica. Tutora e Colaboradora dos cursos de Pedagogia e Administração da Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS). E-mail: amandadequadros@gmail.com.



** **KARINA MARCON** é Professora do Centro de Educação a Distância da Universidade do Estado de Santa Catarina (CEAD/UDESC). Doutoranda em Educação (Bolsista CNPq) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Introdução

A sociedade contemporânea estabelece uma profunda relação com as tecnologias digitais de rede por meio de uma conectividade generalizada (LEMOS, 2003), unindo pessoas de diferentes lugares e espaços, principalmente em redes sociais, instituindo a Cibercultura. Não há como negar a importância e a legitimidade desses ambientes, que são interativos porque modificam-se e adaptam-se às necessidades dos seus usuários, que, por sua vez, também acabam sendo modificados (SILVA, 2000) em função dessa estreita relação de intimidade que desenvolvem junto dessas redes.

Ao aderir a uma rede social o sujeito expõe-se aos seus amigos ou ao público em geral, de acordo com suas preferências de privacidade. Geralmente, para que o usuário faça sua adesão e torne-se integrante de alguma rede social é preciso fazer um cadastro com seus dados pessoais, além de autorizar os Termos de Uso e as Políticas de Privacidade desse ambiente, disponíveis em links que encaminham, na maioria das vezes, para uma nova página com textos muito extensos e minuciosos, onde constam todos os deveres e as obrigações de conduta dentro daquele ambiente.

A ‘não leitura’ desses termos de uso e a aceitação passiva das políticas impostas por esses ambientes se torna importante de ser pensada e analisada, uma vez que muitas pessoas compartilham nesses espaços situações, imagens e documentos que fazem parte de sua vida privada, sem mesmo saber em que condições estão disponibilizando essas informações, além de não imaginarem as possíveis implicações que podem surgir nesse entorno.

Para esse estudo selecionamos como objeto de pesquisa uma rede social que foi criada em 4 de fevereiro de 2004 voltada para o âmbito universitário e, hoje, vem ocupando os primeiros lugares dos sites mais acessados do mundo, o Facebook¹. O que poucos sabem é que, ao aceitar aqueles termos que, na maioria das vezes, não são lidos, concebemos acesso à nossa privacidade, temática sobre a qual se debruça este artigo.

1. As redes sociais e a privacidade

Nos últimos anos o acesso às redes sociais tem apresentado um intenso crescimento, aumentando significativamente o número de usuários. A aderência a esses espaços elegem muitos aspectos para reflexão e discussão, como a necessidade de se manter conectado a todo instante, a facilidade de estabelecer novas relações, a comunicação em tempo real e a sociabilidade, por um lado, e o individualismo, a privacidade, a espetacularização e o narcisismo, além da fragilização das relações sociais, por outro.

De acordo com o Site G1 (2014) o Facebook é, atualmente, a maior rede social do Planeta com mais de 1,19 bilhão de usuários. Esta rede social tem uma quantidade de acessos que desbancou sites da Microsoft, do Google, inclusive o próprio Orkut, que era a rede social mais acessada no país até a sua ascensão. Em 2010 foi realizada uma pesquisa com maiores de 15 anos pela empresa de métricas Comscore sobre o crescimento expressivo das redes sociais. Sbarai (2010) a partir dos dados divulgados, “apontou um crescimento de 51% no volume de tráfego nas redes

¹ O acesso pode ser feito através deste endereço: <http://www.facebook.com>

sociais em um ano. Entre todos os serviços, o Facebook foi o que obteve a maior evolução: 479%". Esse porcentagem é assombrosa, e, de acordo com os especialistas, a tendência é que o número aumente até que surja uma nova rede social e esta seja abandonada, assim como o Orkut, que será encerrado a partir do dia 30 de setembro de 2014, embora os dados dos antigos usuários possam ser recuperados até setembro de 2016, segundo informações do Diretor de Engenharia do Google, Paulo Golgher (G1, 2014).

Essa mutação entre diferentes mídias, redes, tecnologias em uma velocidade exponencial é analisada pelo sociólogo polonês Bauman (2001), que criou o conceito de modernidade líquida. Para o autor, vive-se numa sociedade que está em constante movimento onde tudo se transforma, muda, flui, é líquido, instável, efêmero e menos duradouro. O autor define que:

No mundo líquido-moderno, a solidez as coisas, assim como a solidez dos vínculos humanos, é vista como uma ameaça: qualquer juramento de fidelidade, qualquer compromisso a longo prazo (e mais ainda por prazo indeterminado) prenuncia um futuro prenhe de obrigações que limitam a liberdade de movimento e a capacidade de perceber novas oportunidade (ainda desconhecidas) assim que (inevitavelmente) elas se apresentarem (BAUMAN, 2010, p.40-41).

Na concepção de Bauman, este descarte também está sendo transferido para as vidas afetivas, na qual o fim de um relacionamento, de uma amizade, pode ser facilmente desfeito com um simples clique do mouse, pois "no mundo contemporâneo os compromissos tendem a ser evitados, a menos que

venham acompanhados de uma cláusula de 'até segunda ordem' (2011, p.144).

Nas redes sociais qualquer sujeito, através do preenchimento de um perfil e de suas postagens, tem a possibilidade de ser visto, de ter seguidores, amigos, de curtir e ser curtido, discutir e problematizar questões, além de evidenciar postagens que são ou não do seu interesse. Nesses espaços o sujeito representa a forma como ele é e como ele pensa, seja através de um comentário, um vídeo ou imagem, colocando-se e posicionando-se no mundo, ou simplesmente abstendo-se de qualquer interação.

Já há algum tempo, a famosa "prova de existência" de Descartes, "Penso, logo existo", tem sido substituída e rejeitada por uma versão atualizada para nossa era de comunicação de massas: "Sou visto, logo existo". Quanto mais pessoas podem escolher me ver, mais convincente é a prova de que estou aqui" (BAUMAN, 2011, p. 28).

Essa disponibilização de informações e de conteúdos nessas mídias sociais nos faz pensar sobre as possíveis confusões criadas em torno dos conceitos de público e privado, ressignificados a partir das inovações tecnológicas que, para Bauman (2011), desencadearam revoluções culturais. Para o autor, o advento dos telefones celulares, por exemplo, quebrou barreiras entre público e privado, pois esses pequenos dispositivos permitem que qualquer pessoa seja encontrada em qualquer lugar que esteja, isto é, a pessoa precisa se tornar disponível, permitindo o acesso de outras pessoas a sua vida privada. Bauman explica a distinção entre esses conceitos:

As definições de "privacidade" e "publicidade" se opõem. "Privado" e "público" são conceitos

antagônicos. Em geral, seus campos semânticos não estão separados por limites que permitam tráfego de mão dupla, mas por fronteiras demarcadas: linhas intransponíveis, de preferência fechadas com rigidez e pesadamente fortificadas de ambos os lados para impedir transgressões (invasores ou trânsfugas, sobretudo desertores) (2011, p. 37).

Entretanto, o autor entende que “[...] a esfera pública [...] se encontra hoje inundada e sobrecarregada, invadida pelos exércitos da privacidade” (BAUMAN, 2011, p. 41). Essa situação é cada vez mais potencializada pelas mídias sociais digitais, nas quais os sujeitos parecem não fazer mais questão de manter sigilo sobre sua vida particular, não discernindo mais o que é público e o que é privado, e expondo sua vida pessoal e intimidade a qualquer pessoa conectada à sua rede.

Bauman apoia-se nos pensamentos de Simmel para retratar que o sigilo, “embora parte integrante da privacidade, também é uma relação social: é necessário observar a norma de que ‘aquilo que é intencional ou não intencionalmente escondido deve ser intencional ou não intencionalmente respeitado’” (SIMMEL apud BAUMAN, 2011, p. 40, grifos do autor). Porém, sabemos que é difícil manter sigilo na rede, pois assim como crescem as medidas de segurança, também crescem as alternativas de burlar essas medidas. Subentende-se que em uma sociedade do espetáculo, mediada pelas imagens (DEBORD, 1997), onde o segredo é pauta da mídia diariamente, manter sigilo é uma atividade cada vez mais complexa, e tem discursos na própria rede que tencionam a máxima: “Quer privacidade? Cancele sua conta” (referindo-se a conta na rede social).

Bauman entende que “a crise atual da privacidade está bastante ligada ao enfraquecimento, à desintegração e à decadência de todas as relações inter-humanas” (2011, p. 43). Para o autor, nesse momento contemporâneo e líquido os laços sociais não conseguem se manter por muito tempo, uma vez que as relações não são mais “sólidas” e regidas por laços estáveis e estruturas sociais verticalizadas (BAUMAN, 2001).

Podemos dizer que isso ocorre em função da facilidade que os sujeitos têm de conectarem-se e de desconectarem-se de outras pessoas, criando vínculos superficiais, capazes de serem substituídos ou esquecidos de acordo com seus interesses momentâneos. Se uma relação não interessa mais ao sujeito, ela pode ser excluída, ao mesmo tempo em que, se for preciso, é possível instantaneamente procurar por novos contatos, conectando-se a novas pessoas, indiferente do local e do espaço que elas se encontrem. A conexão e a desconexão estão a um clique, e isso enfraquece a sociabilidade e a criação de vínculos e de valores, a afinidade e a cumplicidade, sem falar nas relações entre o público e o privado.

A fragilidade das conexões, a existência de meios instantâneos de desconexão, enfim, a combinação de facilidades para “conectar-se” com a possibilidade de interromper de modo indolor e igualmente instantâneo a situação de “estar conectado” no momento em que nos parecer inconveniente – tudo isso parece de adaptar de modo especial à dialética das relações tortuosas entre o público e o privado (BAUMAN, 2011, p. 43).

Sendo assim, fica claro que esse borramento entre as fronteiras de público e privado ocorrem principalmente pela enxurrada de

manifestações privadas na esfera pública. Podemos afirmar que isso acontece principalmente nestes espaços digitais que permitem que qualquer pessoa se manifeste, uma vez que, diferente do que acontecia nos meios de comunicação de massa tradicionais, agora os polos de emissão de mensagens estão abertos, permitindo a auto-revelação, mesmo que isso custe uma superexposição de sua vida privada.

Por uma inversão de valores ou pelo extenso tempo que a sociedade manteve-se calada e receptora de informações, o que importa para muitos não é mais o segredo e o sigilo, e sim o espetáculo, a fama – mesmo que momentânea –, além da publicização de suas ideias, concepções e da sua imagem, para não dizer de si mesmo. Acredita-se que todas essas possibilidades fazem com que as pessoas se cadastrem nessas redes sociais, participando de sites que tem normas de condutas específicas e que exigem de seus usuários uma fidelidade subjetiva, com as quais muitos não concordariam se conhecessem.

2. Sobre o estudo

Ao aderirmos a uma rede social aceitamos as condições impostas pelos Termos de Uso dos sites para usufruir de sua estrutura, porém, o que poucos sabem é que com isso concebemos acesso à nossa privacidade. Por isso, acreditamos na importância de refletir sobre alguns pontos importantes dos Termos de Uso e das Políticas de Privacidade da rede social Facebook, bem como repensar sobre nossa conduta dentro desses espaços que estão cada vez mais presentes em nossa vida virtual (que já não se distingue da real).

Esse texto surge, portanto, a partir de uma pesquisa realizada nos Termos de Uso e nas Políticas de Uso de Dados da rede social Facebook, no ano de 2014. Caracteriza-se como um estudo de caso, que consiste na “observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico” (Bogdan; Biklen, 1994, p. 89). Consideramos os Termos de Uso e as Políticas de Uso de Dados como nossa única fonte de dados, e as percepções descritas aqui são frutos das reflexões abstraídas a partir das leituras realizadas.

Para Lüdke e André (1986), o estudo de caso como estratégia de pesquisa é o estudo de um caso simples e específico, pois tem um interesse próprio, único, particular e representa um potencial na educação. Sendo assim, a análise desprendida no item seguinte é fruto da leitura dos Termos acima descritos, sobre as quais abordaremos uma síntese para elucidar nossas colocações e refletirmos sobre suas implicações pedagógicas.

3. Privacidade: A Política e os Termos de Uso da rede social Facebook e suas implicações Pedagógicas

Mesmo já sendo participantes, são poucas as pessoas que conhecem os Termos de Uso e as Políticas de Uso de Dados do Facebook. Por estarem disponíveis de forma muito simbólica ao usuário, camuflados atrás de links que levam para páginas com textos extensos e apresentados com letras miúdas, raros são os usuários que se preocupam ou se debruçam para sua leitura.

De acordo com a ilustração abaixo, podemos perceber que no Facebook o sujeito precisa clicar sobre links distintos para ter acesso a todo o

conteúdo relativo a privacidade da rede, o que só acontece se o usuário tem a

intenção de lê-los.

The image shows the Facebook registration page. At the top, there's a blue header with the Facebook logo and login fields. Below the header, on the left, is a section for mobile app download. On the right, the 'Cadastre-se' (Sign up) section is visible. It includes fields for Name, Surname, Email, and Password. Below these, there are dropdowns for birth date and gender. A red circle highlights a paragraph of text that reads: 'Ao clicar em Cadastre-se, você concorda com nossos Termos e que você leu nossa Política de Uso de Dados, incluindo nosso Uso de cookies.' Below this text is a green 'Cadastre-se' button. At the bottom, there's a link to 'Criar uma página para uma celebridade, banda ou empresa.'

Figura 1 - Termos de Uso do Facebook

Conforme podemos ver na imagem, a frase em destaque diz que “Ao clicar em Cadastre-se, você concorda com nossos [Termos](#) e que você leu nossa [Política de Uso de Dados](#), incluindo nosso “[Uso de cookies](#)”, ou seja, o usuário aceita e acorda com todas as informações disponíveis nestes documentos.

Para realizar uma breve análise sobre alguns dos itens disponíveis nessas políticas, elegemos tópicos que se relacionam diretamente ao uso da rede pelo sujeito. O primeiro item refere-se a Privacidade: “Informações que recebemos e como são usadas”, nesse item contém informações dos dados que são inseridos ao se cadastrar na rede e o que você pode ou não manter privado ao aceitar os termos de uso da rede. Por exemplo, o seu nome, fotos do perfil, fotos de capa, gênero, redes,

nome de usuário e número de identificação de usuário são utilizados publicamente mesmo que você não deseje isto. A rede ainda declara que “Embora você esteja nos permitindo usar as informações que recebemos sobre você, você sempre será o proprietário de todas as suas informações”, ou seja, o sujeito irá responder por todas as informações que publica e compartilha no seu perfil, além de se responsabilizar pela privacidade que deseja configurar para suas informações. Se o sujeito postou alguma imagem é sua a responsabilidade de configurar a privacidade dela, embora a do perfil não possa ser ocultada para pessoas desconhecidas.

O segundo item trata-se do Compartilhamento de informações e conteúdos: “Por seus comentários ou outras sugestões sobre o Facebook,

podemos usá-los sem qualquer obrigação de compensar você por eles (assim como você não tem a obrigação de oferecê-los)". Ou seja, qualquer sugestão de melhoria ou de configuração que sejam aceitas pela rede, o Facebook não é obrigado a lhe recompensar, afinal você não é obrigado a fornecê-las. Essa questão isenta a rede de retribuir os benefícios sugeridos pelos participantes.

O terceiro item trata-se de Segurança e informa que: "Nós podemos remover qualquer conteúdo ou informações publicadas por você no Facebook se julgarmos que isso viola esta política" (referindo-se à Política de Proteção dos direitos de outras pessoas). Neste caso, a rede tem acesso para editar o conteúdo de sua página. Este item tem auxiliado nos casos de pedofilia na internet e de uso de identidade sem permissão para criação de contas falsificadas, mas, por outro lado, os participantes da rede ficam condicionados a uma possível remissão de conteúdos se o Facebook julgá-los impertinentes, o que pode vir a configurar como um impasse sobre a irrestrita liberdade que os sujeitos têm de expressão.

Já o quarto item refere-se à Proteção dos direitos de outras pessoas e alega que: "Você não deve usar nossos direitos autorais ou marcas registradas (incluindo Facebook, os logotipos Facebook e F, FB, Face, Cutucar, Livro e Mural), ou qualquer marca semelhante que possa causar confusão, exceto quando expressamente autorizado por nossas Diretrizes de uso de marcas ou com nossa permissão prévia por escrito)". Então, sem expressa permissão, você não pode usar o nome da rede, sua marca e nem demais termos citados acima, pois são propriedades desta rede social. Essa questão abre margem para possíveis benefícios da

rede quando os usuários utilizarem a marca e os termos sem permissão, resguardando os direitos legais patenteados por esta rede social. Ainda, dentro deste item, a rede destaca que "Você não deve marcar usuários nem enviar convites por e-mail para não usuários sem o consentimento deles", ou seja, convidar alguém para participar do Facebook ou postar/compartilhar uma foto com essa pessoa sem a pessoa consentir. Este item livra a rede social de ser responsabilizada pelo excesso de mensagens que as pessoas recebem por e-mail, além da questão da privacidade desses sujeitos que mesmo sem ingressarem na rede estão sendo expostos.

Por fim, outro item sobre as Disposições especiais aplicáveis aos desenvolvedores/operadores de aplicativos e sites aponta que: "Podemos analisar seu aplicativo, o conteúdo e os dados para qualquer finalidade, incluindo comercial (como o destino do envio de anúncios e a indexação de conteúdo para pesquisa)". Ao aderir a essa rede você automaticamente permite a utilização dos seus dados e do conteúdo que você disponibiliza para fins comerciais, regra com a qual, muitos participantes não entrariam em acordo se conhecessem. Portanto, pode-se afirmar que os usuários auxiliam o crescimento econômico dessa rede social, pois permitem essa normativa e os coloca diante dela enquanto consumidores.

Como dissemos anteriormente, estes são apenas alguns tópicos dos muitos outros que são listados quando ingressamos nessa rede social. A leitura dos tópicos da Política de Uso de Dados é mais um exemplo do 'público' invadindo o espaço do 'privado' em nossas vidas, situações estas, que no mundo líquido-

moderno, nos expõe diariamente e cada vez com mais intensidade.

Tendo em vista todas essas afirmações, autorizamos o Facebook a interferir em nossas postagens, e nos responsabilizamos por todas as informações que dispensamos em nosso perfil, isentando a rede das complicações que podem surgir nesse entorno. Acreditamos que poucas pessoas conhecem essas condições e que, portanto, mesmo sem concordar, autorizam livre acesso às suas informações, à sua privacidade e não tomam consciência das suas responsabilidades perante a rede.

Nessa sociedade líquida e midiaticizada, não conhecemos mais os limites da privacidade, uma vez que muitas pessoas não refletem e distinguem o que querem que seja privado e o que não se importa que seja público. Para cooperar com a distinção desses conceitos, cremos que essa é uma função educativa da escola, mas não exclusiva, uma vez que a família precisa estar ciente das ações e atuações de jovens e crianças nesses espaços.

O acesso às redes sociais é um evento comum entre crianças e jovens, e suas implicações são cada vez mais percebidas e imbricadas aos processos educativos escolares. O advento da internet dissolveu muitas barreiras e, através web, cada vez mais são desenvolvidas ferramentas que acabam fragilizando o termo privado. Essas tecnologias estão ao alcance de todos, e é preciso ter consciência sobre esses conceitos e sobre suas decorrências uma rede social.

Presenciamos tecnologias que facilitam a superexposição, que tornam possível o anúncio – a quem interesse ou não – sobre o que estamos pensando, o que estamos fazendo e onde estamos, pois

com um breve consentimento o usuário autoriza aplicativos que publicizam essas informações, fazendo *check in* em cada ponto de parada, anunciando à rede sua mais íntima privacidade.

Mais do que preocupações relativas à segurança do usuário, o que consideramos prudente é o esclarecimento sobre as implicações que essa excessiva publicização das ações pode acarretar para a vida do sujeito. A superexposição sugere o fim da intimidade, dos segredos, o que Bauman (2011) acredita ser um potencializador de relações frágeis e sem profundidade, que podem encerrar a qualquer instante.

Não cabe fazer julgamento de valores sobre o que é apropriado ou não para a vida das outras pessoas, mas torna-se cada vez mais importante refletir sobre as novas configurações sociais que surgem junto dessa profunda relação da sociedade com as mídias sociais digitais. Quem sabe essa seja uma necessidade de uma nova geração que não sabe ficar sozinha com a sua própria presença, como a “solitude” mencionada por Bauman:

Nesse mundo sempre desconhecido, imprevisível, que constantemente nos surpreende, a perspectiva de ficar sozinho pode ser tenebrosa; é possível citar muitas razões para conceber a solidão como uma situação extremamente incômoda, ameaçadora e aterrorizante (2011, p.14).

Essa reflexão sobre a solidão é pertinente nos tempos atuais, onde a presença, mesmo que online, pode ser o suficiente para nos sentirmos “acompanhados” e não mais sozinhos. Compartilhar tudo o que é relevante sobre a nossa vida, nossa casa e nossa família, talvez nos torne pessoas autosuficientes e incluídos nessa era

digital, mas, por outro lado, podem vir a criar uma situação de estar e não de ser, de presenciar sem vivenciar, de viver no virtual, ou seja, naquilo que potencialmente existe (LÉVY, 1996), sem imergir na vida real que existe fora de uma rede social, principalmente nas relações humanas.

Essa parece ser a mais importante implicação pedagógica. O reconhecimento do outro, as relações de afetividade e de respeito entre os seres humanos em qualquer ambiente e diante de qualquer tecnologia. Pensamos, então, que a escola possui papel importante porque auxilia na construção da equidade social, dinâmica cultural que deve ser intrínseca no ser humano, independente do espaço/ambiente que esteja utilizando.

Considerações finais

Como podemos constatar, em função dessa necessidade extrema de conexão, de publicizar qualquer detalhe cotidiano, de expor sua vida particular e sua intimidade, de informar, participar e interagir nessas redes sociais acontece uma ressignificação entre as fronteiras do público e o privado. Essas são duas esferas sociais que antes eram totalmente distintas e preservadas, mas agora sofrem influências uma da outra que irrompem esses limites, criando uma situação complexa até então não vivenciada.

Essa é uma realidade que estamos vivenciando diariamente, pela grande proporção que as tecnologias assumiram em nossas vidas. A distinção entre o que faz parte da nossa privacidade é facilmente confundida com o que é público. Na verdade, dificilmente não avançamos a linha tênue que há entre essas duas faces. Afinal, está é uma forte característica da

sociedade líquido-moderna definida por Bauman (2001, 2010, 2011) em suas obras.

Em função da análise de alguns Termos de Uso do Facebook, pensamos que seja ideal um alerta aos usuários, uma vez que tudo o que veiculam em suas páginas estão passíveis de avaliação e julgamento do próprio site. Não acreditamos que as pessoas vão deixar de ingressar nessas redes sociais ao conhecerem suas políticas de usabilidade, mas é importante a conscientização de que o cuidado, a linha tênue entre a moral, a ética e os valores precisa continuar sendo condutora de nossa vida social e digital, uma vez que nós somos os únicos responsáveis pelas nossas ações e pela exposição de nossos pensamentos.

Essa parece ser a importante implicação pedagógica, refletindo principalmente sobre o papel que precisamos exercer nessa dinâmica. Referente aos conceitos de público e privado é preciso esclarecimento e orientação. O cuidado com os conteúdos, com a preservação de sua intimidade, com a segurança é um exercício contínuo e que precisa ser estimulado. O que implica manter privacidade sobre suas ações? Por que é importante?

Percebemos que as pessoas interessam-se pelas redes sociais tanto pela possibilidade de aceitar o desconhecido quanto pela permanência ao que já é íntimo, ou seja, o contato com pessoas que já fazem parte do quadro de relações pessoais. Indiferente de qual é o objetivo do usuário, que pode ser variado, as redes sociais conectam pessoas, vidas, culturas, e esse fenômeno é o que sustenta a web 2.0, a possibilidade de interagir, participar, conhecer, situação que já influencia as relações humanas e os processos educativos escolares.

Referências

Bauman, Z. (2001) "Modernidade líquida". Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (2010) "Capitalismo Parasitário". Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

_____. (2011) "44 cartas do mundo líquido moderno". Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

Bogdan, R.; Biklen, S. (1994) "Investigação qualitativa em Educação": uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora.

Debord, G. (1997) "A sociedade do espetáculo". Rio de Janeiro: Contraponto.

Facebook (2011) "Rede Social Facebook". Disponível em <http://www.facebook.com>. Acesso em 02.07.14.

Lemos, A. (2003) "Cibercultura". Alguns Pontos para compreender a nossa época. In: _____. CUNHA, Paulo (orgs). Olhares sobre a Cibercultura. Sulina: Porto Alegre.

Lévy, P. (1996) "O que é o virtual". São Paulo: Editora 34.

Lüdke, M.; André M. E. D. A. (1986) "Pesquisa em educação": abordagens qualitativas. São Paulo: EPU.

Sbarai, R. (2011) "Acesso ao Facebook sobe 480%". Orkut ainda reina no país. Disponível em <http://veja.abril.com.br/blog/vida-em-rede/twitter/acesso-ao-facebook-sobe-480-orkut-ainda-reina-no-pais>. Acesso em 02.07.14.

Silva, M. (2000) "Sala de aula interativa". Rio de Janeiro: Quartet.

G1 (2014) "Facebook completa 10 anos; veja a evolução da rede social". Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/facebook-completa-10-anos-veja-evolucao-da-rede-social.html>. Acesso em 02.07.14.

G1 (2014) "Rede social Orkut será encerrada em 30 de setembro". Disponível em <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/06/rede-social-orkut-sera-encerrada-em-30-de-setembro.html>. Acesso em 02.07.14.

Recebido em 2014-07-21

Publicado em 2014-09-12